



XIV Seminário de Iniciação Científica
Universidade Federal de Juiz de Fora
15 a 17 de outubro de 2008



Área: Ciências da Saúde

Projeto: PRESCRIÇÃO DE ANTIDEPRESSIVOS (AD): FREQÜÊNCIA DE PRESCRIÇÃO DE AD PARA PACIENTES AMBULATORIAIS NO ATENDIMENTO PSIQUIÁTRICO E CRITÉRIOS MAIS FREQÜENTEMENTE ALEGADOS PARA INDICAÇÃO DE AD PARA UMA POPULAÇÃO DE PACIENTES INTERNADOS NAS DIVERSAS CLÍNICAS DO HU

Orientador: Jubel Barreto

Bolsistas:

Alinne Gimenez Ferreira (IV PROVOQUE 2007/2008)

Celmar Simoes (IV PROVOQUE 2007/2008)

Participantes:

Resumo:

Há cerca de 20 anos, assiste-se a um aumento exponencial da prescrição e consumo de medicamentos antidepressivos (AD), especialmente dos inibidores seletivos de recaptção da serotonina (ISRS). Entre os fatores envolvidos nesta mudança argumenta-se estar em curso uma mudança no perfil na sintomatologia psiquiátrica dos pacientes e a facilidade de prescrição de novos AD, os ISRS, fatores aos quais se soma, entre outros, uma bem estruturada ofensiva publicitária dos laboratórios farmacêuticos. A presumível segurança na prescrição desses novos AD e a crença de uma incidência aumentada de sintomas depressivos em pacientes não-psiquiátricos parecem ser as razões preferidas para se justificar a freqüência com que os próprios clínicos (antes mais inseguros quanto à prescrição de drogas psicoativas) passem a receitar tais medicamentos, aparentemente sem o devido rigor quanto aos critérios de prescrição e com escasso conhecimento dos efeitos colaterais, a médio e longo prazo, dos ISRS e outros AD.

Assim, o termo “depressão” vai ganhando uma nova projeção semântica até se tornar um termo demasiado vago e genérico, recobrando uma pluralidade de síndromes classificáveis segundo a semiologia, a evolução, a genética, a bioquímica, além de concorrer com crescente freqüência na condição de fator de co-morbidade. Nossa pesquisa foi ouvir psiquiatras e residentes das diversas clínicas para verificar nossa hipótese.

Assumimos a hipótese de que estaria havendo uma “reeducação”, sobretudo entre médicos recém-formados, no sentido de um gradual alargamento do campo de indicação desses AD, o que nos pareceu recomendar como oportuna uma investigação a respeito das situações, das razões, dos cuidados e das crenças envolvidas no emprego de AD, posto que é o médico residente aquele que está situado no exato ponto de entroncamento de quem, praticamente ao mesmo tempo, assimila (dos professores) e repassa (aos pacientes) os conhecimentos médicos, daí possivelmente resultando estar em curso uma disseminação sem precedentes no emprego desses AD de nova geração, que abrange até as situações em que o dado clínico parece não relacionado ou só remotamente relacionado com a depressão.